

RUBEM BRAGA ESCREVE, DIRETAMENTE DO

O "TÉCO-TÉCO" VÊ PAS IRMÃOS TERRIVEIS E CO

'FRONT", PARA O "DIARIO CARIOCA"

SAR E VOLTAR SEUS NTINUA OBSERVANDO

COM A FEB NA ITALIA — (De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Via aérea — Janeiro, 1945) — Certa vez o general Mark Clark, então comandante do 5º Exército, foi visitar o campo em que estão os "téco-téco" da esquadrilha brasileira de reconhecimento. Acompanhava-o o general Willis D. Crittenberger, comandante do 4º Corpo, que dirigiu aos pilotos brasileiros um pequeno discurso.

Disse que estava satisfeito em ver que aviadores brasileiros iam cooperar com a FEB. Isso permitia que os aviadores ingleses ou americanos que até então observavam os tiros de nossa artilharia pudessem ser usados em outro setor. Falou depois sobre a guerra, afirmando ter dois filhos na frente ocidental e um terceiro em uma academia militar nos Estados Unidos.

Seus filhos que estavam na guerra eram da idade daqueles rapazes da Força Aérea Brasileira, e a estes ele queria dizer o mesmo que sempre disse aos seus "boys": que lutassem sem descanso contra os nazistas, cada um dando tudo o que pudesse dar. "A nossa tarefa — disse o general — é a maior que pode ser confiada a qualquer pessoa no mundo de hoje: matar o alemão, matar o nazista!"

Depois desse "speech" o general apertou a mão de todos os pilotos. No momento em que cumprimentava um deles — o 2º tenente Roberto Paulo Paranhos Tabora (rua Santa Alexandrina, 40, Rio) — voltou a fazer a sua recomendação: — Matar o nazista! Matar o nazista!

O jovem Tabora não pôde então, se conter, e apontando, o seu pequenino "téco-téco", que vóa tão

largo, fragil e completamente desarmado sobre as linhas inimigas, perguntou:

— Mas com que, senhor general?

O general Crittenberger, só então caiu em si: levado pelo entusiasmo da oratoria esquecera-se de que estava se dirigindo a homens cuja função não é absolutamente matar o inimigo, mas somente observá-lo. Sorriu e retirou-se.

Algum tempo depois, por ocasião da visita ao "front" do ministro Salgado Filho, o general norte-americano voltou a visitar a esquadrilha dos "téco-téco", acompanhando o titular brasileiro. Os aviadores que estavam no momento no campo se perfilaram á aproximação do general — e entre eles o tenente Tabora, que fez continência. O general reconheceu-o imediatamente e lhe estendeu a mão, dizendo:

— Como vai, desarmado? Vou lhe mandar uma pistola!

Não mandou, nem mandará. Roberto Paranhos Tabora já tem, como seus colegas de Esquadrilha de Ligação e Observação, de 15 a 20 missões cumpridas. O "Dóra" — é este o nome de sua noiva, que ele escreveu no focinho do "Piper Cub" — sempre que faz bom tempo levanta vôo e fica mais de 2 horas fazendo círculos mais ou menos a 2 quilômetros e meio por cima da "terra de ninguém". Além do piloto vai um oficial de artilharia, que é o observador.

Um canhão nosso dá um tiro sobre uma determinada posição inimiga. Tropado lá no "téco-téco", o observador vê onde a granada re-
bentou, e avisa pelo rádio:

— "Dois zero zero curto".

ou

— segue —

120

— “Um zero zero longo”.
ou
— “Um cinco zero á direita”.

Isso quer dizer que o tiro batez mais ou menos a uns duzentos metros antes do objetivo, ou mais ou menos a uns 100 metros além, ou mais menos a uns 150 metros á direita. O artilheiro corrige a sua mira ou alça, e dá um segundo tiro. E' certamente uma alegria verificar que o segundo ou o terceiro ou o quarto tiro acertou difeitinho no alvo. Além desse trabalho o “téco-téco” serve para observação geral da terra, assinalando movimentos de tropas ou qualquer outro fato observado no territorio inimigo que possa interessar á nossa tropa.

Nos dias de bom tempo ha constantemente um (em geral dois) aviões no ar. Antes de um descer sobe outro, para que o inimigo não deixe de ser observado. Cada um de nossos pilotos faz, nesses dias claros, 2 a 3 missões, o que é um tanto cansativo.

INSEGURANÇA

O que o “téco-téco” sobretudo inspira ao seu piloto é a insegurança. Está por exemplo o tenente Darcy da Rocha Campos no seu “Perna de Pão” lá em cima, e ouve o estrondo da artilharia. Póde muito bem ser a nossa artilharia atirando contra o inimigo. Póde também ser a artilharia inimiga atirando contra nossas linhas — e isso até é mais provavel, pois nestes ultimos 15 dias eles atiraram mais uns 2.000 tiros de canhões e morteiros do que nós. De qualquer forma, o homem do “téco-téco” sempre tem uma impressão desagradavel: “póde

ser” que o inimigo esteja atirando contra ele.

O mesmo acontece quando aparece ao longe um ponto preto. E' um avião, que vem se aproximando. “Póde ser” um avião aliado. Mas “se fór” um caça nazista o “téco-téco” muito possivelmente não terá tempo de descer. Toda a sua esperança está em fazer manobras rapidas para que o nazista não o derrube muito á vontade, pois o lerdo téco-téco” (entenda-se por lerdo um objeto que se desloca a uns 100 quilômetros por hora) é muito mais manobrável que um rapido caça.

Enfim: o que o piloto do nosso “Piper Cub” tem a fazer é esperar que aquele ponto preto se aproxime e tome a forma de um avião, para que então ele fique sabendo se é amigo ou inimigo. Mais ou menos como a historia daquele honrado homem que acendeu um fosforo para ver se dentro da lata havia gasolina. Se o avião é inimigo... Feli: ente até hoje nunca foi.

OS AMIGOS VÃO E VOLTAM

Os amigos vão e voltam. São americanos, ingleses, aviões de varias nacionalidades, até brasileiros, até italianos. Passam para o norte bandos de Spitfires, Thunderbolts, Hurricanes, Beaufighters... Ou então um Mitchel com dois lemes, ou, muito alto, com duas fuzeLAGENS, um P-38 — o Lightning, ou um P-61, o Black Widow... São amigos que passam.

Depois voltam. A's vezes, de oito que passaram, só voltam quatro. A's vezes é possível distinguir, nos que voltam, rombos de “flak”. E ás vezes, nos dias bem claros,

olhando para o norte, o tenente Arnaldo Vissoto, de Bauru, que está no “Santa”, vê a grande mancha clara de Bolonha além dos montes — e vê algum avião aliado se despençar, incendiado, deixando um longo rabo de fumaça, sobre a cidade proibida.

O “téco-téco” vê passar e voltar seus irmãos terríveis: caças rapidos como relampagos, bombardeiros pesados que levam toneladas de morte e destruição... E continua ali, esvoaçando sempre sobre as mesmas montanhas familiares — aqueles picos alvos, as aldeias de telhados cobertos de neve, as fazendinhas e igrejas, os rios e estradas que o piloto já conhece melhor que os traços da noiva distante no Brasil...

AS DUPLAS NÃO FORMAM

Vivem juntos, na mesma casa, os pilotos da FAB e os observadores da Artilharia da FEB — os primeiros chefiados pelo capitão Beloe, os segundos pelo capitão Gu-tierrez. Acordam cedo: ás 7.30 é o café. As praças limpam a pista coberta de neve; seria possível usala assim mesmo, mas para isso seria preciso daptar os aviões, pondolhes “skis”, e os pilotos, estão habituados a aterrissar sobre rodadas. Se o dia é claro, ás 8 horas os aviões levantam vôo. Mas ás vezes a bruma tampa as montanhas — e até cinco dias nossos rapazes já passaram, aborrecidos espiando pela vidraça a chuva ou a neve cair sobre o fundo de uma paisagem esfumacada. A's 12 horas é o almoço, ás 5.30 o jantar.

— E é nesses dias que a gente engorda, velho.
Explicaram-me que muitos têm engordado — apesar da vida so-

frivelmente incomoda e ás vezes tão fatigante.

— Tanto assim que as duplas não formam...

No começo cada piloto saia sempre com o mesmo observador. Hoje, porém, essas duplas fixas já não existem: a balança é que determina quais são os dois homens que podem sair juntos. O Tabora, desde que saiu do Brasil (ha uns 4 meses) já engordou 8 quilos. Se o antigo observador dele também engordou tanto, os dois pertazem um peso que o “téco-téco” não suporta de bom grado. O tenente Osvaldo Mescolin, da Artilharia, não pode, evidentemente, formar dupla com o aspirante Bittar nem com o aspirante Joel.

— E ainda tem ela...

Esse “ela” a que o piloto se refere é uma pequena que vai no aparelho: uma “Varga's girl” pregada do lado de fóra.

Os aviões já estão com as cores brasileiras pintadas, mas geralmente ainda não foi escrito no lugar certo o nome de batismo oficial: os rapazes tiveram mais pressa em escrever o nome de suas pequenas brasileiras — namoradas, noivas ou esposas.

E á noite o unico divertimento é um jogo de cartas, e a unica emoção é o radio do Brasil. Ouvem, muitas vezes, duas emissoras do Rio, mas não a Hora do Brasil que aqui chega muito tarde — da meia-noite á 1 da madrugada. E os moços vão dormir cedo — porque póde muito bem acontecer que amanhã tenham de fazer um rota superior a 6 horas sobre as montanhas e vales onde os canhões troam e ás vezes, com o som repetido e quebradas, as metralhadoras metraqueiam roucas e nervosas.